

Lumen
1943

J28h

ASSISTENTES ECLESIÁSTICOS

A Caridade — primeiro dever do Assistente

Fazer Acção Católica é fazer apostolado. E fazer apostolado é dar testemunho de Cristo. Assim como Jesus veio ao mundo para ser testemunha autêntica de Deus, assim o Apóstolo tem de ser testemunha fiel de Jesus: *cujus nos testes sumus*.

Mas Deus é a Caridade. Só pela Caridade se pode dar, portanto, testemunho verdadeiro de Deus. E, se a nossa missão de Assistentes é a de formar os apóstolos da cruzada moderna da evangelização cristã, se não queremos formar testemunhas falsas, temos de os formar sobretudo na Caridade, para que imitem e vivam a ternura, a bondade, a misericórdia, a dedicação, o amor de Jesus.

Não há, porém, outro método de formação nem outra pedagogia senão aquela que o próprio Mestre seguiu e nos legou nas escaldantes páginas do Evangelho, e que se encontra em resumo naquela conhecida palavra: *coepit facere et docere*. Mais aprenderam os apóstolos, com efeito, no contacto diário com o Mestre cuja vida de bondade os seduzia e cativava, do que nas suas estranhas parábolas e pregações, cujo significado não compreendiam. Seguindo-lhe o exemplo, não aplicaram outro método os Apóstolos. S. Paulo podia escrever aos militantes da Acção Católica de então: *sede meus imitatores como eu o sou de Cristo*.

O ensino vale muito e sem êle nada se poderá fazer, mas o exemplo vale mais e sem êle nada se fará. Para que o Assistente possa cumprir a sua missão, tem de cultivar em si mesmo a Caridade, e assim servir de exemplo e de estímulo àqueles que foram confiados ao seu cuidado pastoral.

Outro motivo, mais grave por certo, nos leva à mesma conclusão. Assim como nós participamos da plenitude de Cristo, assim os militantes, de quem somos responsáveis, participarão da nossa abundância: *socios gaudii mei omnes vos* (Filip. I, 7). A Caridade difundir-se-á nêles na medida em que crescer em nós. Sublime mistério êste da interdependência espiritual hierarquizada!

Sublime e consolador. É que a medida dos dons que Deus deseja comunicar à Acção Católica é a medida da abundância que nos comunicará a nós, se não puermos obstáculos à generosidade infinita do Senhor. Cremos firmemente que a

Caridade infundida em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado, aumentará continuamente, porque o Divino Mestre, atendendo à imensa miséria dos homens, no-la suplica para nós «em gemidos inenarráveis», para que nos amemos como Ele nos amou.

O Assistente tem, portanto, como dever essencial do seu múnus de formador de apóstolos, de viver na Caridade, de irradiar a Caridade. E se fôssemos a procurar um modelo de Assistente que a todos nós servisse de estímulo e de exemplo, fácil nos seria encontrá-lo em S. Paulo, que desejaríamos ver um dia proclamado padroeiro dos Assistentes da Acção Católica.

Vejamos o Assistente que foi S. Paulo, por exemplo, através da Epístola aos Filipenses. Tõda ela, escrita da prisão, é um desabafo de ternura e de caridade.

O primeiro dos sentimentos de S. Paulo pela sua «secção» de Filipos é o da permanente acção de graças pela obra que o Senhor realizou nêles fazendo-os participantes da prègação evangélica. S. Paulo, «constituído para defesa do Evangelho», e que não se poupou a trabalhos nem sacrifícios na prègação, não se julgava autor daquelas conversões nem da vida cristã dos seus primeiros discípulos. Não era a «sua obra» a Igreja de Filipos e, por isso, continuamente dava graças a Deus que tudo realizara.

Depois da Acção de graças, S. Paulo pede ao Senhor por êles todos em tõdas as suas orações, para que prossiga a obra iniciada e se formem na Caridade. «Dou graças a Deus tõdas as vezes que me lembro de vós, isto é, em tõdas as minhas orações; com alegria suplico por todos vós, pensando na vossa dedicação pelo Evangelho desde o primeiro dia até hoje, e tendo confiança de que Aquêlê que empreendeu em vós esta bela obra a levará a cabo até ao dia de Cristo Jesus» (Filip. I, 3 e seg.).

O segundo sentimento do Apóstolo é o da amizade e dedicação inquebrantável pelos seus colaboradores de Filipos, num trasbordar de ternura tão natural e comovedor ao mesmo tempo: «Trago-vos no coração a vós todos que, quer na minha prisão, quer na defesa e confirmação do Evangelho, tendes parte na graça que eu mesmo recebi. Tomo a Deus por testemunha do muito que vos amo a todos nas entranhas de Jesus Cristo».

Acção de graças pela comunicação do espírito apostólico àquele punhado de cristãos; súplica ininterrompida para que continuem o apostolado e aumentem na Fé; amor sacrificado e fiel a todos os militantes do Evangelho, eis a primeira lição que nos dá S. Paulo.

E logo o Apóstolo, verificando que a sua prisão os excitava a redobram de esforços na acção pessoal, mas tendo conhecimento de que alguns trabalhavam com sentimentos de inveja pelo prestígio que adquirira, e o queriam talvez suplantar, nos dá mais uma profunda lição daquela imensa Caridade que o faz regozijar-se pela dilatação do Evangelho, mesmo que seja feita à custa da sua humilhação e

aumentados sofrimentos: «A maior parte dos irmãos, animados no Senhor pela minha prisão têm redobrado de esforços em anunciar sem temor a palavra de Deus. É certo que alguns o fazem por inveja e espírito de oposição. Mas outros fazem-no por amizade para comigo, com recta intenção e movidos pela caridade. Os que trabalham com espírito de partido anunciam Cristo por motivos que não são puros, com o pensamento de serem desagradáveis a este pobre prisioneiro. Mas que importa? Uma só coisa interessa e é que, de uma maneira ou doutra, com sinceridade ou com segunda intenção, Cristo seja anunciado. É nisto que me regozijo e sempre me regozijarei».

Como se adaptam tão-perfeitamente por vezes à nossa actividade de Assistentes, sinal de contradição para muitos, tão admiráveis palavras! E como elas nos animam a elevar-nos acima dos pobres sentimentos humanos, pondo a nossa esperança e consolação na expansão da Acção Católica, qualquer que sejam os sentimentos manifestados aqui ou ali a nosso favor ou contra nós! A Caridade de Cristo vivendo em nós, dar-nos-á fôrça para nos regozijarmos sempre com o progresso da organização, mesmo que êle provenha da actividade dos que têm inveja de nós e nos querem contrariar.

O exemplo dos sentimentos de S. Paulo não fica, porém, por aqui. Tudo o que a vida pode ter de agradável é ver a Cristo conhecido, amado, participado. Mas só a morte lhes dará Cristo com a certeza de nunca mais o perder. A morte é, portanto, o seu maior desejo, a sua supremã aspiração. No entanto êle é Apóstolo e a sua missão é tornar Cristo conhecido. Morrendo, não poderá continuar a sua obra. Por isso o seu coração se rasgará entre o desejo ardente de morrer para possuir a Cristo e o de permanecer no mundo para ganhar as almas. Faz a vontade de Deus. «Espero que em coisa alguma serei confundido e que, para meu sossêgo, também agora será Cristo glorificado no meu corpo, quer pela vida quer pela morte. Para mim, viver é Cristo, e morrer é um ganho. Mas, se viver na carne é para mim a fecundidade do trabalho, então não sei o que escolher. Estou em apêto entre dois desejos contrários: o de ser liberto da carne e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor; e o de permanecer na carne, o que é necessário por causa de vós. Sei que ficarei com todos vós, para vosso proveito e vossa alegria na Fé...»

Este admirável desprendimento do Apóstolo é completado pelo desprendimento de tudo o que é glória, riqueza, vaidade terrena. Nada conta para êle, senão o conhecimento de Cristo e a conquista incessante do Senhor. E são êstes desejos aquêles que procura infundir nos seus «militantes»: «Tudo o que aprendestes, recebestes, ouvistes e vistes de mim e em mim, isso o praticai».

Pudéssemos nós dizer sempre o mesmo!

Finalmente — e para não alongar demasiado êste artigo — deveríamos aprender de S. Paulo uma derradeira virtude tão necessária ao Assistente, isto é, a de

andar sempre satisfeito quaisquer que sejam as vicissitudes da vida: «Aprendi a andar sempre contente, qualquer que seja a situação em que me encontre. Tanto sei viver na pobreza como na abundância. A tudo me habituei: a ter fartura e a passar fome; a viver na abundância e a padecer necessidade. Tudo posso naquele que me dá forças».

Imitar S. Paulo, tomá-lo por protector, meditar as suas lições, parece-nos indispensável ao perfeito cumprimento do nosso dever de Assistentes. No dia em que o tivéssemos conseguido, no dia em que a Caridade do Coração de Deus trasbordasse do nosso pobre coração para o coração dos nossos amados colaboradores da Acção Católica, eles dariam fiel e corajoso testemunho do Senhor e o mundo voltaria de novo a ser reconquistado para Cristo, pela Caridade dos nossos corações.

O nosso primeiro dever é, pois, o da Caridade. Se a não atingirmos, vão será o nosso esforço, vã e perdida a nossa pregação. Címbalo que tine, o som das nossas lições doutrinárias cairá no vazio dos corações que nos cercam, aos quais não podemos comunicar o incêndio desse Amor que tudo transforma, purifica e sublima.

Humildemente peçamos ao Senhor a Caridade e Ele no-la dará.

ABEL VARZIM

Perguntas que nos fazem

Em que situação se encontra perante o pároco, na freguesia, o Assistente que não é coadjutor, mas sacerdote para tal designado pelo Bispo? É o Assistente (se assim me posso exprimir) delegado do Pároco ou do Bispo? Tem liberdade de acção uma vez que não contrarie a vida paroquial? ou não deve tomar iniciativa nenhuma sem o entendimento prévio com o prior?

R. Duas coisas deseja saber o nosso consulente:

1.^a — se o Assistente em questão é delegado do Pároco ou do Bispo;

2.^a — se tem liberdade de acção ou não deve, pelo contrário, tomar iniciativa nenhuma sem se entender antes com o Pároco.

Quanto à primeira responde-se que o Assistente é certamente delegado do Bispo que o nomeou, mas não se segue daí que seja independente do Pároco.

No exercício da sua missão, o Assistente depende imediatamente do Pároco e, mediante êste, do Bispo, primeiro, porque normalmente não se pode presumir que fôsse intenção do Bispo conceder-lhe independência e, segundo, porque, competindo ao Pároco exercer a cura das almas na paróquia (cân. 451), tem necessariamente de estar na sua dependência todos os meios que concorrem para êste fim, e, portanto, também a Acção Católica Paroquial.

Além disso, a dependência em que a Acção Católica está da Hierarquia faz com que o Pároco tenha, em certo sentido, na Paróquia, a alta direcção desta, como o Bispo a tem na Diocese.